

A revisão de textos literários

Duane Ferreira Rijo

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar aspectos da revisão do texto literário ou criativo. Deste modo, investigamos quais conhecimentos são necessários para a revisão dessa modalidade de texto, observamos se a noção de estilo é importante na prática da revisão, bem como analisamos o perfil e a experiência dos revisores informantes. No desenvolvimento do estudo, levamos em consideração os conceitos de estilo e autoria, além da teoria sobre o trabalho de memória, pois acreditamos que esses conceitos são essenciais na revisão de textos literários. Realizamos pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que, para a segunda, foram selecionados 22 informantes para responderem a um questionário com perguntas referentes ao seu perfil e a sua experiência com a revisão do texto literário. Além disso, os informantes revisaram a crônica *Pari Passu*, com o objetivo de esclarecer como ocorre, em situação prática, o processo de revisão de textos literários. A análise dos dados permitiu concluir que existem particularidades na revisão do texto literário, principalmente em relação a estilo, linguagem, subjetividade e informalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão textual; Revisão do texto literário; Estilo e autoria;

ABSTRACT

This research aims to analyze revision aspects of literary and creative texts. This way, we can investigate what kinds of knowledge are needed for the revision of this text modality, observing if the sense of style is important in the revision practicality, just as we analyze the profile and experience of reviser informants. On the study's development, we take in consideration the concepts of style and authorship, besides the theory of memory work, because we believe that these concepts are essential in the revision of literary texts. We performed bibliographical and field research, for the second, 22 informants were selected to respond to a questionnaire with questions related to their profile and experience with the revision of the literary text. In addition, informants reviewed the chronic *Pari Passu*, with the purpose of clarifying how does the process of reviewing literary texts occur, in a practical situation. An analysis of the data allowed to conclude that there are particularities in the revision of the literary text, especially related to style, language, subjectivity and informality.

KEYWORDS: Textual revision; Literary text revision; Style and authorship;

Considerações iniciais

O revisor de textos, desde que inicia sua formação e sua carreira, é, na maioria das vezes, ensinado a revisar textos de cunho acadêmico, didático e da mídia, citando apenas alguns exemplos. No Curso de Graduação aprende-se gramática, ortografia, sintaxe, etc. No entanto, o campo de revisão textual implica em um conhecimento bem mais amplo para que se possa estar apto a revisar diversas modalidades de textos.

Levando isso em consideração, resolvemos investigar como se dá o processo de revisão de textos criativos literários, haja vista a necessidade de um aprofundamento de conhecimentos essenciais para lidar com esse gênero textual.

Nas universidades e nos cursos extensivos para profissionais da área, pouca, ou quase nula, é a abrangência do tema da revisão de textos literários. Pouco se fala, pouco se discute, pouco se estuda sobre o assunto. E os profissionais continuam no “achismo”, revisando os textos literários somente sob a perspectiva de aspectos da semântica e da gramática. Porém, sem dúvida, há outros aspectos de extrema importância envolvidos na revisão de textos literários.

Sob a hipótese de que os revisores textuais necessitam de conhecimentos mais específicos para que possam exercer seu trabalho com êxito, buscamos respostas à pergunta: Quais são os conhecimentos essenciais e diferenciais para o profissional revisar um texto literário?

Quando aprofundado, surgem mais questionamentos sobre o assunto: O conhecimento literário faz diferença, de fato, na prática da revisão textual? Em editoras de livros há algum treinamento para esses profissionais? Como é a relação entre revisor e escritor no processo de revisão? O estilo é realmente um item com grande relevância na revisão de textos literários? Sendo assim, precisamos e devemos realizar estudos que aprofundem essas questões, para que, assim, sejam formados revisores preparados e confiantes no exercício da profissão, revisando textos literários.

Buscamos desenvolver esta pesquisa com o intuito de esclarecer e responder a tais questionamentos. Acreditamos que seu resultado contribuirá para qualificar a

formação de novos profissionais e também dos revisores que já atuam na área.

Para que o trabalho fosse exequível, optamos pelo desenvolvimento de um estudo bibliográfico, tendo como principal referencial teórico as noções de estilo e autoria de Bakhtin. Além disso, utilizamos a pesquisa de campo, sendo que foram selecionados revisores atuantes na área de revisão literária, os quais responderam a um questionário e, por fim, fizeram a revisão de um texto literário.

O presente artigo está dividido da seguinte forma: a primeira sessão está reservada para tratar da prática da revisão textual e do revisor de textos, bem como noções básicas da revisão além dos aspectos formais da língua; a segunda sessão trata os conceitos de autor e autoria; a terceira sessão o estilo, noção de estilo em Bakhtin e como é observado o estilo em textos literários; a quarta sessão discorre sobre as contribuições do trabalho de memória na revisão de textos literários; a sexta sessão explana a análise dos dados coletados com os revisores informantes; e a última parte do artigo traz as considerações finais e conclusões.

1. Revisão textual e o revisor de textos

Revisar um texto é o ato de aprimorá-lo, não apenas no sentido de retirar erros gramaticais e ortográficos, por exemplo, mas de mostrar ao autor o melhor caminho a seguir para que seu texto atinja os objetivos idealizados. Revisar é trazer mais clareza ao texto, é evitar discursos inapropriados, é identificar falhas de memória do autor, é, por fim, ajudar a moldar a obra que chegará até o leitor.

A revisão textual não é, necessariamente, a última etapa antes da publicação do texto. Pode haver mais de uma revisão e em diferentes estágios antes da publicação do texto final. Nesse sentido, Lemos (2017, p. 78) observa:

Antes do texto vir a público, ele já possui uma circularidade, que se dá durante o processo de criação e tem como foco seu aprimoramento. Nesse trajeto encontramos autores, editores, pareceristas, revisores e outros profissionais envolvidos na edição. E, após esse percurso, é preciso que o texto esteja ajustado de acordo com o meio a que está destinado.

Há a necessidade de o revisor estar atento ao mundo da escrita e considerar sua função social e discursiva, pois, segundo Oliveira (2010, p. 138):

A revisão é uma atividade complexa que pressupõe não apenas o conhecimento da língua mas também de práticas socioverbaís em diversas esferas da vida humana, considerando-se as transformações pelas quais passam a sociedade e a linguagem no mundo contemporâneo.

Apesar de o revisor contribuir diretamente para a qualidade do texto, é necessário que ele mantenha um certo distanciamento e só faça alterações necessárias, independente de o texto ser de cunho literário ou não. Esse distanciamento garante que o revisor não vá interferir no estilo de escrita do autor

1.1 Noções básicas para a revisão textual além dos aspectos formais da língua

O revisor de textos é ensinado a ter a percepção de observar aspectos normativos da língua. Nesse sentido, Malta (2000), em o *Manual do revisor*, amplia um pouco a tarefa do revisor. Para o autor, o revisor também deve:

- Revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- Revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais;
- Revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- Revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- Examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo esse trabalho);
- Revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e, finalmente;
- Rer livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros (MALTA, 2000, p.16).

Deve, o profissional da revisão, estar atento para questões de adequação linguística em vista do público-alvo, meio de circulação do texto, gênero textual, estilo e marcas do autor. Segundo Lemos (2017), é essencial que o texto esteja adequado ao meio a que será destinado. Em outras palavras, durante a produção da obra, devemos levar em consideração o público que pretendemos atingir.

Essas noções básicas também contribuem para dar um norteamento aos textos que fogem do cunho teórico. Ou seja, além dos aspectos normativos da língua, há a necessidade de avaliar outras questões, como o estilo assumido pelo autor.

Segundo Oliveira (2010), a atividade de revisão vai além de correções de normas gramaticais. Portanto, os profissionais devem estar atentos às condições de produção, recepção e circulação do texto. E, desse modo, devem analisar, primeiramente, o enunciado, as ideias, o sentido, o endereçamento do texto, a alternância dos sujeitos do discurso e, por fim, tratar da acentuação, ortografia e sintaxe, por exemplo.

Logo, a revisão vai além dos aspectos formais da língua e exige do profissional diversos conhecimentos, não apenas referentes à norma padrão. É fundamental que haja uma postura séria e ética para fazer intervenções necessárias que possam ajudar a enriquecer o texto, porém sem sair do seu ofício, que é revisar e não ser um co-autor.

2. Autor e autoria

Falar de autoria torna-se um tanto quanto embaraçoso quando não explanamos os conceitos de autor e sujeito do discurso. Por isso, nesta sessão, iremos abordar essas questões que envolvem autor, autoria e sujeito do discurso.

De modo geral, a visão bakhtiniana considera como autor todo sujeito que produz um discurso em uma situação de comunicação, seja em uma esfera pública, oficial, literária ou na vida privada em seu dia a dia. Esse discurso cria um enunciado dotado de escolhas, como, por exemplo, o estilo, o tom e o gênero.

Vale ressaltar que todo falante é um autor, uma vez que assume uma determinada posição de sujeito do discurso em relação ao seu interlocutor. Esse sujeito só possui existência se contemplado na intersubjetividade, pois é ela que concebe a subjetividade, o autoconhecimento de si próprio como sujeito através do reconhecimento do outro.

A marca do autor estaria, então, naquilo que ele produz e na forma de organizar sua fala e escrita em determinado contexto social e no gênero discursivo. Dependendo do gênero, para Bakhtin (1990), conforme Cavalheiro (2008, p.77), haverá a predominância do autor-criador ou do autor-pessoa, sendo que o primeiro pode ser relacionado a um elemento da obra e o segundo a um componente da vida.

Para Bakhtin (1999), apud Fabiano (2004, p.71), o homem é fruto da relação com o “outro”. Sendo assim, o indivíduo é fruto de suas relações sociais e, por isso, nenhum de seus discursos é totalmente autoral e individual, uma vez que sofre interferências de discursos já existentes e dialoga com a sociedade. Portanto, nenhum texto é criado apenas por uma voz, mas sim formado por enunciados já existentes, por vozes sociais.

Cavalheiro (2008, p. 71), afirma: “No momento em que o sujeito assume a linguagem, ele se constitui com algo que já está dado, o sujeito nunca fala palavras que já não foram ditas, embora, muitas vezes, não tenha consciência disso”. E há diversas formas de um mesmo autor manifestar-se em autoria. O estilo, por exemplo, auxilia na criação de uma certa individualidade do autor, mesmo sabendo-se que existem outras vozes por trás do enunciado.

O estilo do autor, de certa forma, ajuda a criar suas marcas de autoria. Esse estilo contribui para as escolhas feitas e na organização das palavras, por exemplo. Porém, vale lembrar que o gênero textual permitirá fazer mais ou menos inserções estilísticas.

3. Estilo

O estilo manifesta-se através da nossa liberdade em criar combinações linguísticas por meio da nossa seleção de signos que são distribuídos livremente nos sintagmas e paradigmas. E a noção de estilo é muito discutida e, em alguns casos, o fenômeno é simplesmente negado, ou, ainda, considerado como um desvio da norma padrão da língua.

Através das inúmeras definições e discussões sobre estilo, podemos apontar duas características do conceito: a primeira, ligada à subjetividade, que estaria

relacionada à personalidade e à originalidade do pensamento do autor, e a segunda, relacionada à objetividade, que estaria conectada ao gênero literário e às tradições, que variam, por exemplo, de um país para o outro.

O estilo não deixa de ser também, no longo processo de resistência mantido contra os “ataques” de múltiplos movimentos literários (escolas), uma opção entre tantos modelos de escrita ou escritura, como assinala Compagnon (2010, p. 191):

(...) o estilo é uma variação formal a partir de um conteúdo (mais ou menos) estável; o estilo é um conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça (mais intuitivamente do que analiticamente) o autor; o estilo é uma escolha entre várias “escrituras”.

De forma geral, o estilo pode ser definido como o conjunto de escolhas linguísticas que o autor utiliza para dar forma às suas ideias, levando em conta a exclusiva relação entre o estilo e a personalidade, o estilo e a individualidade e as possibilidades linguísticas de que a língua dispõem.

3.1 Estilo e autoria em Bakhtin

No artigo *Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin*, de Perez e Boenavides (2017), os autores defendem que a revisão textual em textos literários vai além da retomada de aspectos normativos. Essa revisão inclui desde a correção de digitação e de ortografia, estendendo-se para a análise de aspectos como verossimilhança e encadeamento narrativo.

Além disso, defendem que o texto literário distingue-se pela “forma diferenciada de organização da linguagem, o que incide diretamente na sua própria estrutura de organização” e, portanto, na sua revisão (PEREZ & BOENAVIDES, 2017, p.114). Segundo Perez e Boenavides (2017, p. 126), “o trabalho técnico sobre o texto literário não pode jamais incidir diretamente no conteúdo da obra de arte, ou seja, no objeto estético, e todos os elementos da obra que necessariamente formarem tal objeto devem ser preservados em si”.

Os autores defendem, ainda, que “a capacidade de leitura do texto literário deve se desenvolver a ponto de possibilitar a percepção do que, naquela obra,

pertence ou não às suas possibilidades linguísticas”. Essa capacidade, segundo Perez e Boenavides (2017), pode amenizar interferências desnecessárias, evitando o apontamento como erro do que, na verdade, é uso de recursos linguísticos pertinentes ao texto criativo.

Com pesquisas também voltadas à revisão, mas não especificamente a textos literários, no livro *Além da revisão*, Coelho Neto (2013), defende que na prática da revisão textual o revisor não deve dar indícios de ser um escritor frustrado, de modo a alterar um texto indevidamente. Essa observação é extremamente importante para toda modalidade de revisão, porém, no caso dos textos criativos, em especial os literários, essa noção é ainda mais proveitosa, uma vez que um revisor pode facilmente deixar-se levar pela criatividade do texto e, caso não se mantenha atento e ético ao seu papel, pode virar um “autor”.

Nesse sentido, Perpétua e Guimarães (2017, p. 198) esclarecem que:

Cabe ao revisor do texto literário um duplo movimento, constante no exercício de leitura, de natureza paradoxal e somente possível em graus sequenciais variados: mergulhar no universo literário, entregando-se ao prazer e à emoção da leitura; e distanciar-se objetivamente desse universo, a fim de examinar com isenção profissional os efeitos que tal leitura produziria nos demais leitores.

Cabe, então, ao revisor de textos partilhar da emoção e do prazer que a leitura do texto literário pode proporcionar aos leitores, porém deve distanciar-se do universo do “sentir” pessoal, para atentar-se, com profissionalismo, aos efeitos causados pelo texto. Isto quer dizer que não necessariamente a sensibilidade deva ser deixada de lado na prática da revisão textual, todavia deve ser usada de forma profissional, a fim de aprimorar ainda mais o texto.

3.2 O estilo sendo observado em textos literários

É sabido que em textos literários há mais liberdade para o “criar” através do uso da linguagem e das palavras como um todo. E esse fato é observado por Lemos (2017) nas obras de Saramago, nas quais o estilo do autor pode ser facilmente observado: períodos longos, marcados por muitas vírgulas, além de letra maiúscula em lugares indevidos.

Porém, essas escolhas linguísticas que, de certa forma, marcam o estilo do escritor, também são usadas para criar sentidos ao texto e provocar sensações no leitor. Por isso, Lemos (2017, p.79) destaca que cabe ao revisor:

Atentar-se ao encadeamento da narrativa e sua verossimilhança, constatar tais fatores sem considerá-los como erros, compreendendo que são parte do conteúdo estético da obra, são recursos linguísticos adotados pelo autor, pelos quais o texto constrói sentidos.

Vale destacar, também, os conhecimentos que Perpétua e Guimarães (2010) julgam como essenciais para o revisor de textos literários, sendo eles: efeitos semânticos e sonoros; conceitos históricos e culturais; noções básicas sobre a teoria da literatura e sobre o funcionamento do texto literário como ficção, arte, criação; formas de expressão; voz narrativa; ritmo e construção de versos.

4. Contribuições do trabalho de memória na revisão de textos literários

No artigo *A revisão do texto literário: um trabalho de memória*, de Perpétua e Guimarães (2010), as autoras defendem que é possível fazer a revisão de um texto literário sem considerá-lo *um solo sagrado*, sem tratá-lo como um texto despossuído de especificidades. Para elas, o texto literário, em sua criação, é passível de receber revisão tanto em seu estilo quanto na linguagem, assim como todas as demais modalidades de textos.

As autoras atribuem ao revisor de textos literários o papel de um leitor crítico privilegiado, por isso ele precisa ser participativo já no estágio de criação, antes de chegar ao leitor final. Sendo assim, o revisor contribuirá para o aprimoramento da obra, fazendo intervenção, primeiramente, em termos estéticos.

Nas palavras de Perpétua e Guimarães (2017, p.198), o revisor é, antes de tudo, um “leitor contumaz”. Assim, trata-se

de um sujeito possuidor de vasta experiência de leitura, com repertório próprio e concepção de valor literário, ciente de que o conceito de literatura é escorregadio, de convívio próximo com variados gêneros e estilos e, portanto, com grande percepção das possibilidades de uso das estratégias literárias. Significa dizer que o revisor de um texto literário não é exclusivamente um técnico que conhece regras de escrita e modos de construir coerentemente um texto. Também significa que não se trata

apenas de alguém que conhece gêneros literários e sabe reconhecê-los e utilizá-los. Trata-se essencialmente de um leitor que convive com a literatura do ponto de vista cultural e estético.

Ainda, segundo elas, as memórias de leitura contribuem para o processo de revisão textual, no sentido de que podem auxiliar o revisor a detectar um equívoco nos dados do texto. Somente com a sua memória apurada o revisor será capaz de observar erros de informações no texto.

Entende-se aqui memória de leitura em dois sentidos distintos e complementares: o primeiro é a memória das leituras acumuladas em sua vida – trata-se, portanto, do modo como o revisor construiu seu repertório literário, seu arquivo pessoal de leitura; o segundo sentido aqui apontado refere-se àquilo que o revisor precisa lembrar durante o processo de revisão de um texto literário – a atualização de sua memória de leituras, exigida pela mnemônica textual (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2017, p. 198).

Para mostrar a importância do uso da memória de leitura na atividade revisional, as autoras citam dois exemplos muito relevantes: o primeiro sobre o equívoco de atribuição de datas que o autor de um determinado texto, com fins de relatos da história, teve. Neste caso específico, o revisor observou o erro e corrigiu sem necessidade de consulta a materiais. O segundo refere-se ao sumiço de uma personagem na trama de uma obra infanto-juvenil, que foi detectado pelo revisor e, posteriormente, corrigido pelo autor. Tais aspectos indicam que a memória atua na observação das escolhas feitas por um autor e configuram, como vimos, o estilo. Vão sobressair, no caso, aspectos da criação pessoal do autor, como seleção vocabular, aspectos sintáticos, aspectos semânticos, aspectos fônicos etc. O revisor arquiva em sua memória os recursos predominantes no texto de um determinado escritor. Nesta linha de raciocínio, as autoras, mais adiante, defendem que

o revisor de um texto literário não vai se ater a retificar aspectos da pontuação, a sugerir uso de maiúsculas ou minúsculas, a verificar compatibilidade de concordâncias nominais e verbais. Ele terá de levar em consideração os efeitos semânticos e sonoros que as sugestões apresentadas ao escritor terão sobre o texto. Ao proceder à revisão, portanto, o revisor vai analisar o modo como os elementos poéticos ou narrativos estão organizados no texto (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2017, p. 200-201).

Além disso, percebemos aqui a ligação da leitura com o processo de memorização de conhecimentos e de revisão de textos, uma vez que a leitura pode

contribuir para que o revisor adquira e memorize informações de diversas áreas, como já citado anteriormente, e pode auxiliar na revisão de textos literários, mesmo que o profissional não tenha conhecimentos de teoria literária.

Desse modo, a bagagem literária e o conhecimento de mundo do revisor podem ser um diferencial no exercício da função de revisão de textos literários.

5. Metodologia e análise dos dados

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica de obras que discorrem sobre o tema e também por uma pesquisa de campo. Nessa última, realizamos entrevistas com revisores através de um questionário criado no Formulário Google.

O questionário teve como objetivo traçar, de modo geral, um perfil dos profissionais, assim como realizar perguntas pertinentes à realização da prática de revisão de textos literários e como se dá o trabalho dentro de editoras de livros. E, para representar as respostas de alguns dos informantes, usamos a letra R de revisor e número correspondente. Por exemplo: R1, R2, R3.

Além disso, realizamos uma atividade prática com os revisores, na qual os profissionais efetuaram a revisão de um texto literário, a crônica *Pari Passu*, de autoria de Márcio Ezequiel. A partir desses textos revisados, fizemos a análise da revisão dos profissionais.

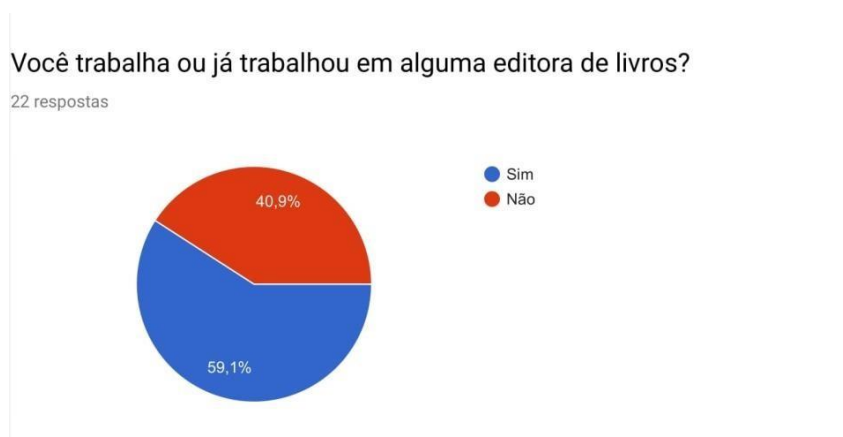
Inicialmente, tínhamos a pretensão de realizar a pesquisa somente com revisores de textos literários, mas julgamos importante também observar o posicionamento dos revisores em geral, suas opiniões e perspectivas diante da revisão de textos literários.

5.1 Sobre o perfil dos revisores

Foram selecionados 22 informantes do Brasil inteiro, dentre eles, em sua maioria, graduados e pós-graduados em Letras e áreas afins, como, por exemplo, Jornalismo, Comunicação Social e Marketing. Apenas um dos informantes possuía graduação em uma área fora do campo da comunicação, sendo graduado em História. Os graduados em Letras são, em maior representatividade, bacharéis em Tradução e licenciados em Português-Literatura.

Dos 22 informantes, seis possuem especialização e/ ou mestrado e/ ou doutorado em alguma área de Letras. Um deles, inclusive, possui pós-graduação em Revisão de Textos. A maioria dos informantes já teve a experiência de trabalhar em editoras de livros, conforme os resultados apresentados abaixo:

Figura 1. Resultado sobre experiência em editoras de livros.

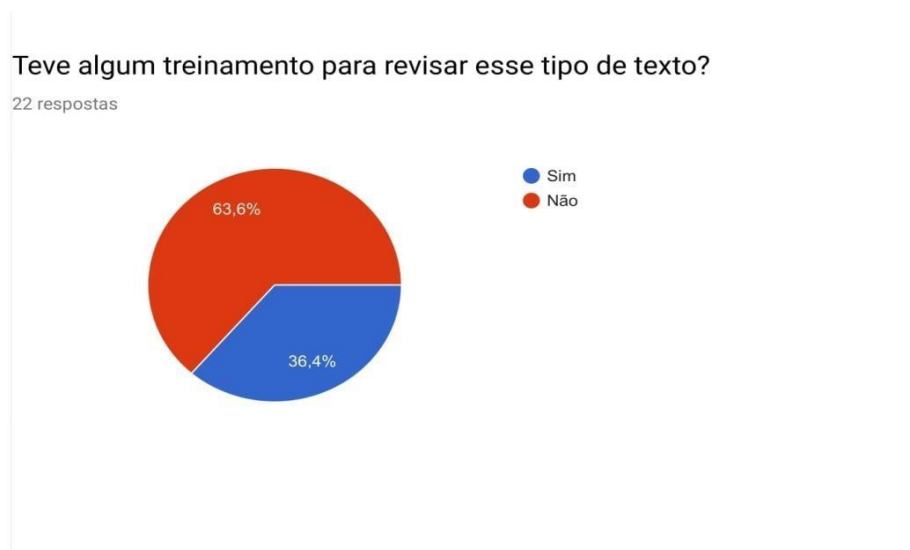


A maioria dos revisores que trabalharam para editoras de livros prestaram serviço como freelancer, ou seja, sem ser um emprego fixo e sem vínculo empregatício com a empresa.

5.2 A experiência com a revisão de textos literários

Os revisores, em grande parte, não tiveram nenhum tipo de treinamento para realizar a revisão dos textos literários. Há apenas o relato do recebimento, por parte da editora, de um manual de editoração e o esclarecimento de algumas dúvidas, procedimento realizado via email.

Figura 2. Resultado sobre experiência em revisão de textos literários.

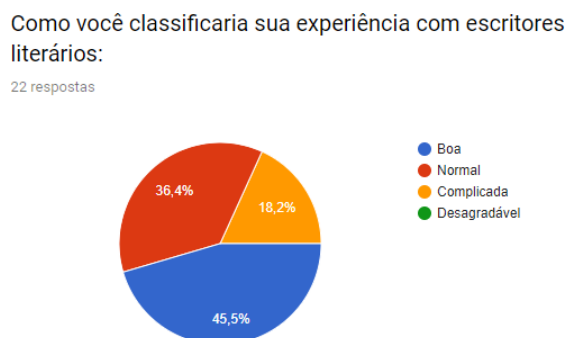


A partir dessas informações, pode-se inferir que, talvez, as editoras acreditem que os revisores auto-didatas sejam aptos a revisar qualquer tipo de texto e que, supostamente, para elas, não há diferenças significativas entre a revisão de textos literários e não- literários.

Um dos informantes descreveu que fez alguns cursos de revisão e preparação de originais, mas que aprendeu mais na prática, seguindo os manuais de revisão das editoras. E que a editora, quando dá feedback das revisões realizadas, também ajuda muito no enriquecimento do trabalho.

Em seguida, os revisores informantes classificaram a experiência com escritores de textos literários da seguinte maneira:

Figura 3. Resultado sobre experiência com escritores literários.



Vale destacar que não houve ocorrência significativa de respostas referentes à opção “desagradável”, portanto ela não é representada no resultado. Isso pode ser explicado pelo fato de que a opção “complicada” pode ser considerada um eufemismo para “desagradável”.

Segundo os informantes que classificaram a experiência como complicada, alguns escritores famosos não dominam o básico da língua portuguesa, desconfiam das revisões e acabam levando-as para outros profissionais avaliarem. Além disso, afirmam que alguns autores possuem a escrita “truncada”, o que dificulta o entendimento sobre o quis o autor que dizer com seu texto. Também relatam a dificuldade em melhorar aspectos sintáticos sem influenciar no estilo do autor.

Destacamos, aqui, um comentário que foi realizado por um dos informantes, R1, de grande valia para a nossa investigação:

“Ninguém gosta de ter seus erros tão claramente apontados. Alguns autores conseguem contornar melhor a situação e entender a revisão como um processo necessário e amparado por um profissional, outros nem tanto. Em minha experiência, no entanto, tive conflitos menos relacionados à Norma e mais às questões de estilo e estética, que quando questionadas para publicação, nem sempre são bem acatadas. Há também autores que pouco sabem do real papel de um revisor e das etapas do processo editorial, resultando em cobranças a mais ou reclamações de que ‘fizemos de menos’”.

Através desse comentário, percebemos que alguns autores possuem mais resistência para alterações de cunho estilístico e estético do que de ordem normativa. Isso, talvez, deva-se ao fato de que os escritores têm receio de que seus textos percam suas marcas de autoria.

Em seguida, outro revisor informante, R2, destaca que “foi um pouco difícil porque temos de prestar atenção no estilo e na licença poética, a revisão vai além da gramática e dos erros”.

Já os profissionais que classificaram a experiência como normal ou boa acreditam que não há muitas diferenças entre a relação revisor- escritor de texto literário e a relação revisor- autor de textos não-literários; apenas destacam que há necessidade de maior flexibilidade por parte do profissional da revisão para com os escritores literários.

Segundo o informante R3: “Não vejo problemas maiores na relação com autores de livros literários do que com outros tipos de livros, mas é um tipo de revisão que exige do revisor mais flexibilidade”

Mais adiante, no mesmo questionário, realizamos perguntas pertinentes à revisão do texto literário. Primeiro, perguntamos se os revisores acreditam que há conhecimentos específicos que contribuem para a prática da revisão textual. Nessa pergunta, tivemos 95,5% de respostas positivas.

Figura 4. Opinião dos informantes sobre conhecimentos específicos.

Você acha que existem conhecimentos específicos que contribuem para a revisão desses textos?

22 respostas



Depois, questionamos se conhecimentos literários seriam fundamentais para a prática da revisão de textos literários e, caso fossem, quais seriam esses conhecimentos. Obtivemos como resposta que a maioria dos informantes acredita que conhecimentos literários são fundamentais e um diferencial para a revisão de textos literários. Destacamos uma das respostas a favor de conhecimentos literários. Segundo R4:

“Sim, muito fundamentais, indispensáveis. O respeito à autoria, ao estilo, há muitos aspectos extralinguísticos e que superam o macro, o microtextual. É como num processo de tradução, em que geramos simulacros, ou seja, a tradução oferece uma ponte interpretativa de algo em outro idioma, e nunca ao acesso direto ao texto original. A Literatura, me parece, caminha nesse liame. É preciso respeitá-la enquanto campo-processo de criação também”.

Grande parte dos revisores destacaram que a bagagem literária do revisor pode vir a ser um grande diferencial para a prática da revisão de textos literários, isso porque o contato com diversas obras literárias e gêneros pode auxiliar o profissional a identificar diversas possibilidades de construção de textos literários.

Outros conhecimentos destacados pelos profissionais foram sobre teoria literária, estilo, figuras de linguagem, tipologia e gêneros textuais, escolas literárias,

foco narrativo, narratologia, verossimilhança e tempos narrativos. Porém, alguns revisores não consideram fundamentais os conhecimentos literários, mas acreditam que contribuem no processo de revisão. Segundo o R5:

“Não são fundamentais, mas contribuem. Na revisão de poemas, principalmente, ter conhecimentos dos conceitos desse formato de texto é fundamental para não interferir erroneamente (o conceito de "enjambement" auxiliá na interpretação de que quebras de linhas podem ser intencionais, por exemplo)”.

A resposta confirma aspectos destacados por Perpétua e Guimarães (2010), quando tratam da revisão de textos poéticos, fato que aciona uma série de conhecimentos como ritmo, “valor e construção de versos livres e brancos”, os próprios limites do verso, como sua extensão, além da “importância das pausas e do silêncio, o modo como está elaborada a voz lírica, ou a construção épica do texto (...)” (p.202). De fato, tais conhecimentos permitem adentrar o “universo criativo” do poeta e do texto tomado como objeto de revisão.

Vale destacar que não foram calculadas porcentagens para as respostas deste questionamento, já que elas eram respostas livres e dissertativas.

Em seguida, realizamos uma pergunta com foco em nossa investigação, ou seja, questionamos sobre a contribuição ou não de conhecimentos sobre estilo e autoria. Os informantes, em sua maioria, concordam que tais conhecimentos auxiliam diretamente na revisão de textos literários.

Uma justificativa utilizada pelos revisores foi que o revisor deve identificar, compreender e respeitar o estilo do autor, mexendo no mínimo possível do texto, de modo que faça adequações no que diz respeito à norma padrão da língua, porém sem alterar, ou alterar o mínimo possível, a identidade e estilo do autor.

O R6 descreve uma de suas experiências em relação ao questionamento:

“Sim. É primordial respeitar o estilo e autoria. Você não pode “canetar”, por exemplo, um texto da Clarice Lispector, como já me ocorreu uma vez revisando uma coletânea para a Rocco. Qualquer passagem que soe estranha deve ser sinalizada ao editor. As traduções, então, necessitam de cotejo e do mesmo cuidado”.

Em conformidade a isso, R7 defende que:

“Acredito que são fundamentais para a revisão de qualquer tipo de texto. Você conhecer o estilo do autor auxilia tanto na parte "técnica" da revisão, possibilitando intervenções que não destoem desse estilo, assim como auxiliam na construção de uma relação respeitosa entre autor/revisor. Talvez um dos aspectos mais difíceis na prática da revisão seja encontrarmos os limites de nossa intervenção, e no caso dos textos literários acredito que isso se torna ainda mais delicado”.

Dentre os revisores que acreditam que tais conhecimentos não contribuem para a revisão de textos literários, destacamos o que R8 defende:

“Não necessariamente... Seria possível apenas se ater à Norma e entregar a revisão. Porém, uma boa revisão de textos literários ocorrerá quando o revisor tem conhecimento das nuances de estilo e dos princípios de autoria”.

Percebe-se que mesmo R8 afirmando que os conhecimentos sobre estilo e autoria não contribuem para a revisão, o informante defende, talvez contraditoriamente, que uma boa revisão de textos literários ocorre quando o profissional da revisão possui tais conhecimentos.

Encerramos o questionário com uma pergunta simples e, de certa forma, redundante: se, para os revisores informantes, há diferença entre a revisão de textos literários e não-literários. Se sim, quais seriam. De 22 informantes, apenas dois responderam que não consideram que há diferença entre a revisão de textos literários e não-literários. Um desses informantes, R9, posicionou-se da seguinte forma: “o revisor deve ser capaz de se moldar ao estilo de escrita de cada autor”.

Os demais revisores, 20 no total, consideram que há diferenças significativas entre as duas modalidades de revisão. Segundo R10, “um texto literário pode, por exemplo, valorizar a ambiguidade em lugar da clareza, ao contrário de um texto científico”. Já R11 afirma que “o texto literário tem estilo, no qual não podemos interferir ou devemos interferir minimamente, além da licença poética e da vontade do autor”.

É interessante analisarmos que para R11 textos literários são providos de estilo, o que nos leva a refletir se, para esse informante em questão, os demais

textos não possuem estilo.

Em suma, a maioria dos informantes admite que sim, há diferença entre a revisão de textos literários e não-literários. Dentre elas seriam, citando apenas algumas: nível de formalidade; maior cuidado para identificar e respeitar o estilo do autor; objetividade; subjetividade; licença poética e cuidado com a estética do texto.

5.3 A prática da revisão de textos literários: revisão da crônica *Pari Passu*

Após o encerramento do questionário, os profissionais realizaram a revisão da crônica *Pari Passu*. A crônica sofreu algumas alterações de ordem gramatical e ortográfica, porém em nada foi modificado o estilo do autor, pois queríamos identificar se, durante a revisão, os revisores alterariam ou não o estilo do escritor.

O autor, na crônica *Pari Passu*, faz escolhas linguísticas com o intuito de suscitar sensações, sentimentos e emoções no leitor. Percebemos que o estilo assumido pelo autor é de períodos curtos e pontos finais onde caberiam vírgulas.

Nas revisões dos informantes, em nenhum caso houve alteração da estrutura sintática da crônica, ou seja, nenhum revisor ousou colocar vírgulas nos lugares em que haviam pontos finais. Acredita-se, então, que os profissionais conseguiram identificar o estilo e as escolhas feitas pelo autor, pois, além de respeitar a estrutura criada, não fizeram muitas alterações em relação às escolhas de termos.

Por se tratar de uma crônica de um escritor regional da cidade de Pelotas/RS, alguns revisores, em suas revisões, sugeriram o acréscimo de notas de rodapé para que se fosse possível explicar algumas expressões regionais. Isso nos leva a conclusão de que há uma visão nacional sobre a publicação de textos literários. A crônica em questão, por exemplo, não precisaria ficar “presa”, necessariamente, ao público pelotense, como podemos observar nos dados abaixo:

Figura 5. Comentário sobre acréscimo de notas de rodapé.

Pari passu

Tenho usado há algum tempo o mesmo surrado par de sapatos. Impermeável por quase todos os lados, superconfortável e discreto. Sem cadarços, agarra-se aos pés com velcro e alma. Táa meio desbotado, mas ainda tem seu charme. Dia desses um rapazinho me chamou na rua, convidando o ilustre aa graxa. Agradei. Insistiu que precisava de um brilho. Rebatí que gostava dele assim. “Gasto” não se discute, brinquei. Ficou brabo o guri.

Depois disso veio a surpresa: ganhei calçado novo. Sapatênis. Bonitinho. Eu não estava preparado. Protelaria um pouco mais -um tal investimento. Foi presente, sabe como é? Tem que usar. Era um número menor que o meu e precisava de troca. Foi, contudo, o velho calçado que me conduziu até a loja, no compasso de pegadas bem traçadas.

Comment [I-1]: Sugestão: a depender do contexto de publicação/circulação (por exemplo, se o objetivo for publicar esta crônica numa revista, ou jornal, etc., fora do contexto gaúcho), acrescentar uma nota de rodapé ou semelhante que informe que a expressão “brabo” é uma variante regional do RS, funcionando como sinônimo de “bravo”. Porém, se a circulação for no contexto gaúcho, a explicação não é necessária.

Figura 6. Comentários sobre notas de rodapé.

Não precisa olhar de cima a baixo para começar a conhecer alguém. Basta olhar diretamente para baixo. Há um poder simbólico nos pés. Veja a força dos coturno e a leveza da sapatilha. Os Gaudérios honram suas botas. Os ripongos valorizam suas sandálias. Os bem-nascidos não se importam de pagar os olhos da cara num tênis da moda. Os menos favorecidos, em contrapartida, sacrificam-se ao último para comprar imitações mal-feitas.

Horível e triste é vermos -joveéns roubando e até matando por um autêntico calçado da hora ou para sustentar o vício das pedras. Falta orientação. Um caminho. Valoriza-se a futilidade. É loucura. Sem pé nem cabeça. E o pior, ou melhor, é que tem

Comment [I-4]: Se a falta de concordância nominal não foi proposital, acrescentar a letra "s" ao final da palavra "coturno".

Comment [I-5]: Se o contexto de publicação/circulação não for gaúcho, sugiro acrescentar nota de rodapé com o significado da palavra "gaudério".

Comment [I-6]: Sugiro acrescentar uma nota de rodapé indicando o significado desta expressão, que parece ser pouco conhecida.

Outro ponto interessante é a consciência e conhecimento de alguns revisores sobre o que é licença poética. Isso porque, alguns apontamentos feitos pelos revisores foram de palavras e sentenças que fugiam à norma porém, por se tratar de um texto literário, destacaram a liberdade de usá-las, uma vez que existe a licença poética. Veja um exemplo:

Figura 7. Comentário sobre licença poética.

Depois disso veio a surpresa: ganhei calçado novo. Sapatênis. Bonitinho. Eu não estava preparado. Protelaria um pouco mais -um tal investimento. Foi presente, sabe como é? Tem que usar. Era um número menor que o meu e precisava de troca. Foi, contudo, o velho calçado que me conduziu até a loja, no compasso de pegadas bem traçadas.

Conhecedor dos caminhos, desviava de pedras e saliências em pilotagem automática. Arranhões e marcas no bico contam sua história de jornadas diárias de vai-e-vens. Casa-trabalho-casa. Meses a frio ou mormaço, fazendo chuva ou pó, vento ou calor, desempenhou bem sua função a um passo diante -do nariz pelas ruas de pelotas. Receberá logo o descanso merecido, calejado de tanto me maciar os pés. Decidi usá-lo somente naqueles últimos dias feios do inverno, conservando o novo par que o substitui para momentos melhores.

exemplo, se o objetivo for publicar esta crônica numa revista, ou jornal, etc., fora do contexto gaúcho), acrescentar uma nota de rodapé ou semelhante que informe que a expressão "brabo" é uma variante regional do RS, funcionando como sinônimo de "bravo". Porém, se a circulação for no contexto gaúcho, a explicação não é necessária.

Comment [I-2]: A segunda ocorrência do artigo indefinido "um" é gramaticalmente incorreta, porém, como se trata de um texto de caráter literário, há a licença poética. O caso é parecido com o título de uma obra de Érico Veríssimo, "Um certo capitão Rodrigo", em que essa licença ocorre. Coloco esta informação apenas em caso de desconhecimento, pois a opção de retirar a segunda ocorrência de "um" ou não, fica a seu critério (do autor).

A licença poética pode ser definida como a liberdade criada pela criatividade para usar termos e sentenças que fogem da norma padrão da língua.

Considerações finais

O revisor de textos, sem dúvida, contribui diretamente para a qualidade dos textos que chegam até os leitores finais. Sua contribuição inicia desde o momento em que o profissional entra em contato com o texto, faz os apontamentos necessários, até as revisões finais, quando o texto está prestes a ser publicado. E para que o revisor possa acrescentar ainda mais qualidade aos textos, principalmente nos textos literários, ele terá que percorrer um longo e contínuo percurso de aprendizados e aperfeiçoamentos. Ser revisor exige uma formação continuada.

Dentre os conhecimentos que poderão ser necessários para enriquecer um texto literário, além dos de cunho gramatical, ortográfico, sintático e semântico, chegamos à conclusão de que são importantes aqueles sobre estilo e autoria, levando em consideração os conceitos de Bakhtin, trabalhados pelos autores indicados neste artigo, bem como a noção de licença poética e conhecimentos sobre as diferentes estruturas dos gêneros literários. Além disso, o profissional deverá ter a consciência das particularidades do texto literário, comparado ao não-literário, principalmente em relação à linguagem, à subjetividade, à informalidade e à possível menor objetividade dos textos literários.

Outro ponto importante que observamos a partir da análise dos questionários é que a relação entre revisor e escritor de textos literários não difere muito da relação entre revisor e autor das demais modalidades de textos. Em ambas as trocas haverá experiências boas e ruins, como em qualquer relação profissional.

Percebemos, através desta pesquisa, que o mercado de trabalho para o revisor de textos literários é um pouco mais amplo do que o imaginado. O profissional tem a possibilidade de trabalhar em editoras de livros (como *freelancer* ou contratado), e também como autônomo, uma vez que há grande procura do

trabalho de revisão por escritores iniciantes que submetem seus textos à revisão antes de enviar para avaliação de editoras, por exemplo.

Além disso, os profissionais devem ter plena consciência de que terão de buscar os conhecimentos necessários e diferenciais, seja através de livros e trabalhos na área, ou palestras e *workshops*. Não há, em via de regra, treinamentos específicos oferecidos pelas editoras de livros, apenas manuais básicos de editoração.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para que haja um olhar mais curioso por parte dos revisores e educadores no que diz respeito à revisão de textos literários e que, assim, busquem explorar ainda mais a revisão dessa modalidade de textos, pois precisamos de mais livros, oficinas e treinamentos nessa área.

Referências

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault**. SIGNUM: Estud.Ling; Londrina: n 11/2, dez. p.67-81, 2008.

COELHO NETO, A. **Além da revisão: critérios para a revisão textual**. 3. ed. Brasília: Editora SENAC-DF, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P.B. Mourão; Consuelo. F. Santiago. Belo Horizonte, UFMG, 2010.

EZEQUIEL, Márcio. **Leia antes de jogar fora**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

FABIANO, Sulemi. **Autoria: um estilo do gênero do discursivo**. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_01/70_Pag_Revista_Ecos_V-01_N-01_A-2004>. Acesso em: 5 dez. 2017

LEMONS, Mayara Espíndola. **Fundamentos à prática de revisão de textos**. Porto Alegre: Metamorfose, 2017.

MALTA, Luiz Roberto S.S. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC, 2000. MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp, 1989

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Natal: Edufrn, 2010.

PASSOS, A.D.O; SANTOS, M.L. **Leituras, revisão textual e revisor**. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2011/07/LEITURAS-REVISAO-TEXTUAL-E-O-REVISOR.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PEREZ, M.S.; BOENAVIDES, W.M. **Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin**. Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 113-130, Jan./Abril 2017.

PERPÉTUA, E.D.; GUIMARÃES, R.B.J. **A revisão do texto literário: um trabalho de memória**. Scripta, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 195-204, 1º sem. 2010.

ANEXO

Pari passu

Tenho usado há algum tempo o mesmo surrado par de sapatos. Impermeável por quase todos os lados, superconfortável e discreto. Sem cadarços, agarra-se aos pés com velcro e alma. Ta meio desbotado, mas ainda tem seu charme. Dia desses um rapazinho me chamou na rua, convidando o ilustre à graxa. Agradei. Insistiu que precisava de um brilho. Rebatí que gostava dele assim. “Gasto” não se discute, brinquei. Ficou brabo o guri.

Depois disso veio a surpresa: ganhei calçado novo. Sapatênis. Bonitinho. Eu não estava preparado. Protelaria um pouco mais um tal investimento. Foi presente, sabe como é? Tem que usar. Era um número menor que o meu e precisava de troca. Foi, contudo, o velho calçado que me conduziu até a loja, no compasso de pegadas bem traçadas.

Conhecedor dos caminhos, desviava de pedras e saliências em pilotagem automática. Arranhões e marcas no bico contam sua história de jornadas diárias de vai-e-vens. Casa-trabalho-casa. Meses a frio ou mormaço, fazendo chuva ou pó, vento ou calor, desempenhou bem sua função a um passo diante do nariz pelas ruas de Pelotas. Receberá logo o descanso merecido, calejado de tanto me amaciar os pés. Decidi usá-lo somente naqueles últimos dias feios do inverno, conservando o novo par que o substitui para momentos melhores.

A rigor, os sapatos nos protegem não apenas das intempéries. São verdadeiras armaduras. Nossos pés são frágeis. São reclusos. São tímidos, introvertidos. O pensamento é rasteiro, eu sei. Diga me com quem andas... (pés sujos ou finos, unhas grandes ou aparadas)... e te dirão quem és. As mulheres expõem mais sua nudez descalça, por isso fazem as unhas, tratam, lixam e tiram nacos de pele. Algumas põem até tornozeleiras e anéis nos dedinhos. Uma graça!

Já o pé masculino é horroroso. Tem mais é que esconder mesmo, diga-se de passagem. O que desejo chutar aqui, entretando, é o inconsciente que há na escolha do calçado. O tipo de pisante fala do pedestre. Social, despojado,

caprichoso ou desleixado. Tênis de griffe, chinelas de borracha, pantufas de pata de dragão apontam não apenas o estilo, mas traços da personalidade.

Não precisa olhar de cima a baixo para começar a conhecer alguém. Basta olhar diretamente para baixo. Há um poder simbólico nos pés. Veja a força do coturno e a leveza da sapatilha. Os gaudérios honram suas botas. Os ripongos valorizam suas sandálias. Os bem-nascidos não se importam de pagar os olhos da cara num tênis da moda. Os menos favorecidos, em contrapartida, sacrificam-se ao último para comprar imitações mal-feitas.

Horível e triste é vermos jovens roubando e até matando por um autêntico calçado da hora ou para sustentar o vício das pedras. Falta orientação. Um caminho. Valoriza-se a futilidade. É loucura. Sem pé nem cabeça. E o pior, ou melhor, é que tem muito calçado bom e barato disponível no comércio. Tem pra tudo que é gosto e tribo. De sapatos de camurça aos tenisinhos bico de borraacha. É perneando que se acha. De loja em loja, cabeça fria e descalço de preconceitos. Claro que mau-gosto existe. Sandálias com meias, por exemplo, deveriam estar nas proibições do decálogo.

Enfim, inaugurarei meu sapatênis novo logo, logo. Terá muito chão pela frente até amaciar e aprender de trás pra frente os caminhos de Satolep.

